

A NATUREZA DA ALMA E DO ESPÍRITO EM LUCRÉCIO

Camillo Ferronato *

Introdução: Títo Lucrécio Caro

Embora com biografia obscura e de poucos dados, ficou-nos a obra: *De rerum natura* (A natureza das coisas). Título sugestivo, se se pensar que a obra remonta ao primeiro século antes de Cristo. Os romanos ignoram-no. E a obra também. "Nemo propheta patria sua". Mas, resta um consolo — para o autor: O poema, filosófico, conserva-se quase na íntegra e mereceu traduções em diversas línguas.

Lucrécio não foi o primeiro latino a escrever uma epopéia filosófica; aliás, os romanos não eram nada dados a filosofias. Contudo, o fôlego da obra pô-lo em destaque.

Tivesse o autor intuito de inocular ânimo diferente contra o espírito excessivamente supersticioso do povo romano, ou de divulgar mais o epicurismo, não entra no mérito da nossa questão. Tampouco nos delongaremos pelos seis livros da obra; apenas o terceiro nos ocupará neste estudo.

A Teoria:

Após invocar a Epicuro, seu guia filosófico e a quem coloca na hierarquia divina, Lucrécio expõe o objetivo do livro III:

Hasce secundum res animi natura videtur,
Atque animas claranda meis iam versibus esse;
Et metus ille foras praeceps Acheruntis agendus
Funditus humanam qui vitam turbat ab imo,
Omnia suffundens mortes nigrore neque ullam
Escse voluptatem liquidam puramque relinquit. (35-40) ¹

1 LUCRETIUS CARUS, Titus. *De la nature*. Paris, Garnier, s.d. p. 140.

* O autor é Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Paraná (1972). Atualmente, leciona, na condição de Auxiliar de Ensino, Língua e Literatura Latina na Universidade Federal do Paraná onde exerce, também, as funções de Coordenador da Área de Educação no «Campus» da Universidade Federal do Paraná em Imperatriz.

(Parece que devo em seguida esclarecer nestes meus versos a natureza do espírito e da alma; e expulsar aquele medo do Aqueronte, que age profundamente e perturba intimamente a vida humana, invadindo tudo com o medo da morte e não deixa qualquer prazer límpido e puro).

Trata-se aqui do estudo da alma não como simples conhecimento; Lucrecio pretende reprovar a mentalidade de seus coetâneos quanto à crença numa vida futura, no Aqueronte (inferno). Tal fato prejudica a vida do homem, enchendo-a de temores contra a morte. Daí a intranqüilidade.

Convém lembrar que o epicurismo pregava a tranqüila satisfação do ser humano enquanto livre, entregue à serena contemplação das coisas, sem se deixar levar pelas loucuras das paixões e da imaginação.

Lucrecio vai além: a morte põe fim a tudo; é insensatez pensar num reino desolado das sombras, numa noite eterna. Essa crença — na continuidade da existência da alma após a morte — enche o homem de terrores.

A essência da alma e do espírito:

Quanto à essência da alma, Lucrecio dá-nos a notícia de que alguns afirmavam ser ela a do sangue, ou mesmo a do vento, mas que isso não passava de jactância:

Et se scire animi naturam sanguinis esse

Aut etiam venti [...]

Iactari causa [...] (43-47) ²

Para ele, o espírito — que se identifica com pensamento — é como as mãos, os pés e os olhos no corpo humano. Percebe-se nisso o materialismo filosófico do autor, que quer explicar tudo pelo atomismo. Portanto, a alma tem sua sede nos membros:

Nunc animam quoque ut in membris cognoscere possis

Esse [...]

(118-119) ³

Ele não aceita a posição dos gregos que consideravam a alma como sendo uma harmonia, algo que vem da matéria, não sendo ela mesma matéria. Lucrecio é coerente, pois que o mundo imaterial existe no seu mundo.

Espírito e alma são coisas distintas; espírito ("animus"), que é também mente ("mens"), e alma ("anima") localizam-se em regiões diferentes: o espírito centrado no coração, e a alma dispersa pelo corpo todo. No fundo, contudo, formam uma substância só:

Nunc animum atque animam dico coniuncta teneri

Inter se, etque unam naturam conficere ex se. (137-138) ⁴

² LUCRETIVS CARUS, p. 140

³ Ibid., p. 144

⁴ Ibid., p. 146

(Agora afirmo que o espírito e a alma estão intimamente unidos entre si, e que formam uma só natureza de si).

Mas, o que manda mesmo é o espírito, que se localiza na região média do peito. uma vez que ali se encontra o pavor e o medo, como também as alegrias.

A alma obedece às ordens da mente. O espírito tem regalias: pode pensar por si mesmo e para si, bem como alegrar-se em momentos nos quais a alma e o corpo não experimentam qualquer sensação. O contrário, entretanto, não acontece: se o espírito sofre o abalo de um pavor, a alma sofre com ele, com reflexos em suores e palidez.

Disse que Lucrecio segue uma filosofia materialista:

Haec eadem ratio naturam animi atque animae

Corpoream docet esse (162-63) ⁵

(Esta mesma razão ensina que a natureza do espírito e da alma é corpórea). O espírito deve ser constituído de átomos extremamente pequenos e redondos. dada a mobilidade de tudo o que se passa nele. Prova-se isso pelo fato de, com a morte, o corpo não perder peso.

Além do corpo, do espírito e da alma, reconhece um quarto elemento, cujo nome desconhece, mas que considera vital para a unidade do todo, sendo como que a alma de toda a alma, e domina sobre todo o corpo. Se se separassem, seria a destruição. Este caráter de unidade eles o obtiveram desde a primeira origem ("ab origine prima" — 332) ⁶; não é fácil, por conseguinte, tirar a alma e o espírito do corpo, a não ser que se queira a morte.

Uma filosofia só de aparências:

Ao tentar explicar a harmonia na atividade do ser humano, Lucrecio é simplista. Já no ventre materno, o contato mútuo de espírito e corpo deu-lhes experiência para agirem inseparadamente; tudo aprenderam "ab ovo". Sua filosofia toda, uma vez que materialista, baseia-se nas aparências — "videtur" — parece. A passagem deste nível do parecer — muito freqüente — ao do ser não lhe exige muito trabalho. Talvez lhe bastasse o raciocínio: parece, logo é. Só podia desconhecer o princípio: "a posse ad esse non valet illatio". Porque pode ser, não implica que é.

Mas voltemos a Lucrecio.

A justaposição dos elementos de corpo e espírito, apregoadas por Demócrito, é negada categoricamente pelo latino. Justifica-se afirmando que os elementos da alma são muito inferiores em número e tamanho e se dispersam facilmente.

O espírito cresce e se desenvolve juntamente com o corpo. As doenças e o próprio tempo abalam corpo e espírito. Qual fumaça, a substância da alma se dissipa. A dor e a doença causam a morte.

⁵ LUCRETIUS CARUS, p. 146

⁶ Ibid., p. 146

É impossível conceber a existência de espírito e alma sem o abrigo do corpo, jogados aos ventos e tempestades. Logo, com o fim do corpo temos o da alma também.

Outro argumento contra a imortalidade da alma baseia-se na amnese da vida anterior. Entenda-se "anterior" como a alma tendo existido antes do corpo, sendo depois incorporada. Mas, como aparece então no corpo?... Ela é criada e se desenvolve juntamente com o corpo, tal qual as outras partes, tendo fim com a morte deste.

Para Lucrécio não faz sentido a idéia de uma existência futura, numa espécie de nebulose, no Aqueronte, ou seja, nos informes. Os romanos, supersticiosos que eram até a medula dos ossos, temiam a vida dos espíritos no além. Lembre-se Horácio:

Multiatque pars mei vitabit Libitinam. (Odes, 3,30,6) ⁷

(Grande parte do meu ser evitará a Libitina — isto é — a morte). Ou então esta outra passagem do mesmo autor:

Vitae summa brevis epem nos vetat inchoare longam.

Iam te premet nox, fabulasque Manes

Et domus exilis Plutonia; quo simul mearis,

Nec regna vini sortiere talis. (Odes, 1,4,17) ⁸

(a soma da vida breve impede-nos de alimentar uma longa esperança. Já te oprime a noite e os Manes da fábula e a casa estreita de Plutão; para onde uma vez que tenhas ido, não participarás do sorteio do vinho com dados.) Horácio faz referências aos Manes, isto é, almas dos mortos, que habitavam a casa de Plutão, rei dos infernos e deus dos mortos.

Mitologia ou fantasia, o certo é que os romanos tinham uma religião baseada em superstições as mais esdrúxulas, o que lhes tirava a tranqüilidade de vida. Contra isso insurge-se o autor de *De Rerum Natura*. E fá-lo seguindo cegamente seu mestre grego Epicuro.

Reincarnação? ... Se ocorrer, nada nos importa o que se deu no passado. Interessa a individualidade presente. Por isso, não nos afete qualquer angústia quanto ao passado ou presente. Tampouco com relação ao futuro, visto ser mortal a substância do espírito.

O sofrimento humano:

Os homens se angustiam e sofrem, é verdade, mas por causa dos males que cometem e dos quais têm de se redimir, quer com castigos físicos, quer com os de consciência. Notamos a sensibilidade de caráter deste ateu, que o era por questão de princípios. O inferno, para essas pessoas, não está numa hipotética vida futura, diz ele, mas na presente. Daí, é necessário ser justo e não procurar a van-glória.

⁷ HORATIUS FLACCUS. Quintus. Odes. In: ———, *Oeuvres complètes*. Paris, Garnier, 1950. v. 1, p. 154.

⁸ *Ibid.*, p. 10

Epílogo:

Apesar de completamente negativista quanto à possibilidade de uma sobrevivência da alma ao corpo, Ttio Lucrecio Caro coroa este terceiro livro com um "gran finale", que nos deslumbra de recursos estilísticos, que só se sentem na flor primeira do Lácio. "Tradutore, traditore".

Ele quer convencer-nos de que nada de mal existe na morte. Se os grandes homens morreram, por que é que nós temos de temer a morte? O próprio Epicuro morreu ao término de sua carreira luminosa, ele que dominou o gênero humano com seu gênio e obumbrou todos os outros sábios, qual o sol quando se levanta apaga as estrelas:

Ipse Epicurus obit, decurso lumine vitae,
Qui genus humanum ingenio superavit et omnes
Restinxit, stellas exortus ut aetherius sol.
(1055-1057) ⁹

Se se fala de morte como fim desta e começo de outra vida, nos infernos, isso não passa de fantasia ou recurso de poesia; dos males que praticamos, na terra mesmo somos punidos. Merecemos realmente o castigo por não pretendermos viver sobriamente, longe de ambições e inquietações — grande característica máxime dos romanos.

Por fim, incisivo e fatalista: O medo da morte é fruto da ignorância da natureza das coisas:

Naturam primum studeat cognoscere rerum. (1085) ¹⁰
O fim de cada um já está fixado:
Certa quidem finis vitae mortalibus adstat. (1091) ¹¹

E, epicuristamente: Por que querer então uma vida mais longa? Nada nos faculta diminuir a distância da morte. Nada nos tirará do aniquilamento. A morte espera-nos, a morte eterna, e o nada será igual para todos.

Embora estilisticamente tenha grandes méritos, não há negar que este final é realmente macabro Mas, lógico, pelo menos na lógica de Tito Lucrecio Caro.

Referências bibliográficas

- LUCRETIUS CARUS, TITUS. *Da natureza*. Rio de Janeiro, Globo, 1962. 237 p.
_____. *Da natureza das coisas*. São Paulo, Cultura, 1941. 326 p.
_____. *De la nature*. 2. ed. Paris, Garnier, s.d. 449 p.
_____. _____ . 2. ed. Paris, Les Belles Lettres, 1924, v. 1
HORATIUS FLACCUS, QUINTUS. *Oeuvres complètes*. Paris, Garnier, 1950, v. 1
SPALDING, T.O. *Pequeno dicionário de literatura latina*. São Paulo, Cultrix, 1963. 270 p.

⁹ LUCRETIUS CARUS, p. 196. 198.

¹⁰ Ibid., p. 198

¹¹ Ibid., p. 200

Resumo

Objeto deste trabalho, o terceiro livro do poema didático-filosófico **De rerum natura**, de Tito Lucrecio Caro, dá-nos uma visão epicurista do ser humano. O autor fala de quatro elementos que compõem o todo, ou seja: corpo, espírito, alma e um quarto elemento, sem nome, que vivifica o conjunto. Todos estes elementos desapparecem com a morte, sendo credence tola o crer na sobrevivência da alma no Aqueronte, isto é, nos infernos. Aconselha-nos a vivermos sóbria e justamente, sem temores, e aceitar a morte como um fato iniludível.

“Nil igitur mors est”. (842)

(A morte, portanto, é o nada).

Riassunto

Il Presente lavoro fa una sintesi del terzo libro di Tito Lucrezio Caro, che fa parte del poema didattico-filosofico **De rerum Natura** di questo discusso autore latino, vissuto nel primo secolo a.C.. Lucrezio segue la teoria epicurista e ci spieca l'essenza dell'anima e dello spirito sotto una visione materialista-fatalista dell'essere umano. L'esistenza d'un luogo di patimenti dopo la morte, chiamato Acheronte, è negata decisamente dall'autore. Bisogna accettare la realtà della morte come fine di tutto l'essere umano, con l'impossibilità d'allungarla.

“Nil igitur mors est”. (842)

(Eppoi la morte è il nulla).